

A LITERATURA DE VIAGENS E OS OLHARES FEMININOS SOBRE OS AÇORES SETECENTISTAS E OITOCENTISTAS

Margarida Vaz do Rego Machado
Universidade dos Açores / CHAM / FCSH



MEMÓRIA E IDENTIDADE INSULAR

Religiosidade, Festividades e Turismo nos Arquipélagos da Madeira e Açores

CHAM | UNIVERSIDADE DOS AÇORES

ISBN: 978-989-20-9631-5, VELAS, S. JORGE, AÇORES (2019)

PP. 277 - 290

MEMÓRIA E IDENTIDADE INSULAR
Religiosidade, Festividades e Turismo
nos Arquipélagos da Madeira e Açores

Coordenação

Duarte Nuno Chaves

CHAM — Centro de Humanidades
Santa Casa da Misericórdia das Velas
Velas, S. Jorge
2019

FICHA TÉCNICA

Título *MEMÓRIA E IDENTIDADE INSULAR*
Religiosidade, Festividades e Turismo
nos Arquipélagos da Madeira e Açores

Coordenação Duarte Nuno Chaves

Autores Vários

Edição – CHAM – Centro de Humanidades | Faculdade de
Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova
de Lisboa e Universidade dos Açores
– Santa Casa da Misericórdia das Velas, S. Jorge

Capa e Paginação CEHA (Gonçalo Mendes)

Fotografia da capa Paulo Rafael

Tiragem 400

Depósito Legal 457109/19

ISBN 978-989-20-9631-5

Data de Saída 2019

Execução Gráfica Nova Gráfica Artes Gráficas
Rua da Encarnação, 21 Fajã de Baixo
9500-513 Ponta Delgada São Miguel - Açores

Apoios



Esta edição foi financiada pela Secretaria Regional do Mar, Ciência e Tecnologia do Governo Regional dos Açores (M3.3.c/Edições/002/2019) e contou com o apoio da Direção Regional da Cultura | Centro de Estudos de História do Atlântico Alberto Vieira, no âmbito do projeto de Pós-doutoramento com a referência “M3.1.a/F/003/2016” do Fundo Regional da Ciência e Tecnologia.

A LITERATURA DE VIAGENS E OS OLHARES FEMININOS SOBRE OS AÇORES SETECENTISTAS E OITOCENTISTAS

Margarida Vaz do Rego Machado
Universidade dos Açores / CHAM / FCSH

A expressão literatura de viagens abrange várias vertentes, que se filiam no género narrativo, próximo da crónica, da autobiografia, do diário, do relato científico, entre outros. Segundo Maria do Céu Fraga, «no fundo, exigimos destas obras apenas que o seu centro seja ocupado por uma viagem, isto é que o seu sentido se construa à volta da deslocação no espaço, quer seja narrada com pormenor, quer constitua apenas um pretexto para divagação do seu autor»¹. Daí que a literatura de viagens não seja apenas um estudo literário, pois tem-se afirmado como uma preciosa fonte documental, não só para os historiadores, como também para a «descoberta do Outro e do nascimento do pensamento etnográfico, para a construção e reconstrução das geografias míticas e reais, do imaginário sociocultural de um dado autor ou de uma dada sociedade ou a génese de algumas utopias»².

1 Maria do Céu Fraga, «Literatura de viagens: quando nós somos o outro» *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, (2011) 394.

2 José Damião Rodrigues, «Entre Ficção e Realidade. O Faial e as Ilhas do Grupo Central no relato da Segunda Viagem de James Cook», *O Faial e a Periferia Açoriana nos séculos XV a XX, Nos 550 anos do Descobrimento das Fores e do Corvo*, Horta, Edição do Núcleo Cultural da Horta, (2004) 86.

Estas obras, que assumem um importante papel de testemunhas de uma época, resultantes da visão do outro (o visitante, o estrangeiro), tornam-se pois fontes importantíssimas para os historiadores, nomeadamente para os que estudam o espaço Atlântico e, em particular, para os estudos insulares. As ilhas levam de imediato a uma visão de viagem pois, nas épocas anteriores ao século XX, só podiam ser alcançadas por mar. O Europeu do século XVIII, o iluminista que pretende conhecer o mundo através da razão e da experiência, lança-se no Atlântico à procura dos segredos da natureza. A ciência é então baseada na experiência e as missões científicas ligam-se de forma direta ao traçado das rotas coloniais.

Vários cientistas aportaram aos Açores no século XVIII, pois o endemismo insular era propício aos seus estudos, mas foi o século XIX que viu chegar o maior número deles, como por exemplo Ferdinand Fouqué, o príncipe Alberto do Mónaco³ ou Darwin que esteve nos Açores e na Madeira em 1836⁴, para salientar alguns dos mais importantes.

Mas as viagens exploratórias não se restringiram aos cientistas. Cada vez mais, as viagens de lazer ou mesmo de índole jornalística (por exemplo Walter Frederick Walker⁵ e Alice Baker⁶) faziam chegar aos Açores novos visitantes que vinham desfrutar o clima ameno das ilhas, fosse para procura de lugares exóticos para descanso ou para cura de males, nomeadamente para a doença do século XIX – a tuberculose – fosse para visitar familiares de estrangeiros radicados nos Açores, como por exemplo a cunhada de Charles Dabney, cônsul americano na ilha do Faial, Caroline Pomeroy⁷, ou de Catherine Hickling, filha do vice-cônsul americano nos Açores, Thomas Hickling, que, levando na sua bagagem lápis e cadernos, anotavam e desenhavam o que viam, resultando depois uma série de re-

3 Luís Arruda, *Naturalist and Azores before de 20th century*, Museu Bocage, Publicações avulsas, 2ª série, n.º 3, Lisboa, 1989.

4 Alberto Vieira, *ob. cit.*: 365.

5 *The Azores or Western Islands: a political, commercial and geographical account*, Londres, Trubner & Co, 1886, trad. João Hickling Anglin, «Os Açores ou as Ilhas Ocidentais» (1886) *Insulana*, vols. XXII e XXV-XVII;

Fátima Sequeira Dias, «A redescoberta das ilhas: a construção de um imaginário (a visão nem sempre “politicamente correta dos viajantes nas ilhas», Atas do V Colóquio Internacional de História das Ilhas do Atlântico: O papel das ilhas do Atlântico na criação do contemporâneo, Instituto Histórico da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, (2000) 172.

6 «Um verão nos Açores e na Madeira de relance», (1838), trad. João Hickling Anglin, *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, Angra do Heroísmo (1958-59), vol. 16-17. Fátima Sequeira Dias, *ob. cit.* 172.

7 «Diário de Carolina Pomeroy» (1842), trad. de Henrique de Aguiar Rodrigues, *Insulana*(1997) vol.5 97-130.

latos importantes para o conhecimento da vida e sociedade das ilhas oitocentistas⁸.

Todavia, esta literatura terá de ser lida com cuidado pois nem sempre os seus relatos são completamente fidedignos. Os «olhares» sobre as ilhas variavam quer pela cultura do viajante, quer pela conjuntura em que a informação fora colhida ou, ainda, pela própria formação profissional ou género do relator, ou seja, e utilizando as próprias palavras de Forster, ter sempre em conta que o texto revela «as lentes do observador»⁹.

Será, pois, tendo em consideração todos estes aspectos que tentaremos interpretar estas impressões, estes relatos, de modo a caracterizar de certa maneira os antecedentes do turismo açoriano, pois como bem referiu Madruga da Costa «as origens do turismo açoriano, não podem, legitimamente buscar-se fora deste contexto»¹⁰.

Os Açores, ilhas situadas no mar profundo, entre a Europa e a América, foram, desde a descoberta do Atlântico e de suas margens (África e América), passagem obrigatória das rotas que passaram a sulcar este oceano, fossem vindas das Índias ocidentais ou orientais. Na verdade, à volta das ilhas girava o comércio internacional, mudando apenas a centralidade de alguns portos insulares, conforme a conjuntura da época. A pacificação do Atlântico com o conseqüente desaparecimento do corso e da pirataria, que tanto tinham fustigado as ilhas açorianas, a existência de colónias estrangeiras, ricas e bem integradas na sociedade açoriana, a própria aventura da viagem marítima e a fácil acessibilidade ao arquipélago aumentaram o desejo da descoberta destas «ilhas ocidentais». Havia viagens diretas, mais ou menos frequentes: as baleeiras norte-americanas, que caçavam cachalotes nos mares açorianos, os veleiros ingleses que transportavam as laranjas das ilhas para os portos do Reino Unido e ainda os veleiros norte-americanos que transportavam emigrantes insulares à procura de melhores vidas no Novo Mundo. Mas não eram só os veleiros que sulcavam os mares Açorianos na era de oitocentos, também o faziam os vapores transatlânticos, fossem de companhias estrangeiras, como por exemplo a linha de vapores Prince, a Cuban Lines ou a Scrutton's Indian Lines, que aportavam aos portos aço-

8 Susana Serpa Silva, «As ilhas do Faial e do Pico, vistas no século XIX, por viajantes estrangeiros», *Atas do VI Colóquio O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX*, (2015), Horta 359-375.

9 Manuela Ribeiro Sanches, *ob. cit.*:251.

10 Ricardo Madruga da Costa, *Açores. Westwen Islands. Um contributo para o estudo do turismo nos Açores*, SRTA/DRT, Horta, (1989)13.

rianos em escala entre os continentes americano e europeu, para tomar refresco, fossem de companhias portuguesas que ligavam os Açores à Madeira e à metrópole, nomeadamente a companhia União Mercantil ou a Empresa Insular de Navegação¹¹.

O presente estudo vai utilizar dois tipos diferentes de literatura de viagens: os diários de duas jovens americanas (17 e 18 anos), que vieram aos Açores, numa viagem que poderemos caracterizar de saudade, na medida em que vieram visitar os seus parentes residentes na ilha de S. Miguel. São elas: Catherine Hickling que fica nos Açores entre os anos de 1786 e 1789 e a sua sobrinha-neta Elise Nye, que vindo, como a primeira, visitar Thomas Hickling e os seus descendentes, fixados na Ilha, chegou ao Faial em Agosto de 1847 e regressou aos Estados Unidos, pelo porto de Ponta Delgada, nos finais de Novembro do mesmo ano. Os outros dois textos escolhidos são os relatos de Ida Pfeiffer que, durante a sua segunda viagem à volta do mundo, escolhe passar uns dias em S. Miguel, onde tinha um filho a residir, escalando primeiro o Faial (1856), e o da jornalista Alice Baker, já nos finais de oitocentos, que fez uma viagem aos Açores, «passando de relâmpago pela Madeira», para utilizar as suas próprias palavras.

Os dois primeiros diários¹², numa linguagem despretensiosa, por vezes até pitoresca, são preciosos documentos sobre a sociedade micaelense e o seu quotidiano e, em particular, da família Hickling. Ambas vieram em veleiros. Catherine inicia a sua escrita a bordo da Chalupa Pligrim, enquanto Elisa percorre o Atlântico a partir de New Bedford, numa pequena baleeira, denominada Slyph.

Ida Pfeiffer nasceu em Viena, em 1795, cidade onde passou a maior parte da sua vida. Após ter enviuvado e os seus filhos criados, resolveu concretizar os seus velhos sonhos: viajar e aumentar os seus conhecimentos sobre o mundo em que vivia. Assim, em 1842, ou seja aos quarenta e sete anos, inicia a sua primeira viagem sozinha pois, segundo a própria, «uma mulher nascida nos últimos anos de setecentos podia viajar só»¹³. O desti-

11 Fátima Sequeira Dias, *Ob. Cit.*:176-177.

12 O diário de Catherine Green Hickling foi publicado pela primeira vez em português, na revista do Instituto Cultural de Ponta Delgada, *Insulana*, no seu número XLIX (1993), tendo sido novamente transcrito e anotado pelo Drº Henrique Aguiar Rodrigo, no livro *Thomas Hickling: subsídios para uma biografia*: 91 a 193. O diário de Elisa Nye: *Uma viagem da América aos Açores no veleiro Slyph, em Julho de 1847*, foi igualmente traduzido pelo Drº João Anglin, com anotações de Nuno Álvares Pereira, na mesma revista *Insulana*, vol. XXIX e XXX: 6 a 106.

13 Ida Pfeiffer, «Segunda Viagem à volta do Mundo», *Archivo Pittoresco*, vol II, Lisboa (1859):207.

no foi a Terra Santa cujo resultado foi a publicação de dois livros, que lhe grangearam uma enorme fama e admiração, sendo recebida nas Sociedades de Geografia em Paris e em Londres, conseguindo apoios para a sua «segunda viagem» à volta do mundo, nomeadamente do governo austríaco e de passagens oferecidas por muitas companhias. Com todo este historial, já podemos descortinar que o tom despretensioso dos dois primeiros diários não se aplica neste caso, embora o estilo continue simples e direto com uma narração da realidade vivida. A sua passagem pelos Açores fez parte do itinerário desta «segunda viagem à volta do mundo».

Segundo a própria e, depois de procurar, durante algum tempo, meios para o fazer, «Fui recebida a bordo d'uma d'estas pequenas escumas, que todos os anos saem dos portos de Inglaterra, em número de duzentos, à procura de laranjas. Estas embarcações não têm a menor acomodação para passageiros»(...).¹⁴

Diferente situação foi a que encontrou na viagem de regresso, que por se ter realizado em Maio, época em que a saída dos barcos da laranja já terminara, teve de rumar a Londres, por via de Lisboa, num barco português do qual tece as seguintes considerações: «O navio chamado Micaelense capitão Fonseca, com extrema admiração minha é de uma perfeita comodidade, que nem sempre se encontra num vapor. (...) Foi o primeiro navio português que embarquei. Se todos são assim, podem em consciência recomendar-se a todos os viajantes»¹⁵.

Charlotte Alice Baker, jornalista americana, em 1882, publicou o livro «A Summer in the Azores e a glimps of Madeira», com um prefácio bem significativo para o nosso propósito, que recorde-se é o de conferir aos relatos de viagens o início da história do turismo açoriano. Escreve a autora: «Justifica-se a publicação destas impressões fragmentárias pelo facto de, com excepção de um delicioso artigo de revista sobre o Faial, pelo coronel Higginson, não existir nenhum quadro satisfatório da vida dos Açores.

Quase omitidas pela geografia, têm estas Ilhas sido até agora praticamente desprezadas pelo viajante. A corrente de navegação que recentemente se estabeleceu naquela direcção faz prever que os Açores serão em breve considerados como apetecida estação de repouso a meio caminho da grande rota de viagens para a europa. (...) pode dizer-se com verdade

14 Ibidem: 219.

15 Ibidem : 230.

que nenhum outro ponto do território estrangeiro se pode obter tanto prazer, com tão pequeno dispêndio de esforço e de dinheiro (...). Nos Açores tudo é novidade e nada é novo. O professor fatigado encontra aqui o repouso forçado, com diversões constantes; o doente dos nervos, uma mudança completa de paisagem, com absoluto sossego...Ao artista, ao botânico, ao geólogo e ao filólogo oferecem estas ilhas um campo rico e inexplorado»¹⁶.

A descrição das ilhas começa, normalmente, com o grito “terra à vista”, tão ansiado pelos viajantes, que se fazia ouvir em primeiro lugar ao largo das ilhas Flores e Corvo, as primeiras a serem avistadas pelos viajantes vindos do Ocidente. Elisa descreve as Flores pela sua visualização de bordo: «Vimos claramente os campos de milho e trigo, separados por muros de pedra, recobertos de vinhas que por completo os ocultavam à vista (...). As montanhas eram ingremes, serpenteando os caminhos de um lado das encostas, o que permitia às pessoas subir e descer com segurança (...) nas encostas dos montes corriam lindas e pequenas quedas de águas».¹⁷ Alice Baker, no seu décimo quarto dia de viagem, descreve esta sensação da seguinte maneira: «Estávamos a 25 milhas das Flores, a ilha mais ocidental dos Açores, na direcção Este-sudeste. Parecia uma nuvem baixa no horizonte, que se torna cada vez mais distinto: um espinhaço de picos denteados, descendo por todos os lados para o mar terminando abruptamente em penhascos negros, escabrosos contra os quais batem as ondas sem cessar»¹⁸. Todavia, o grande deslumbramento chegaria um pouco depois, quando a ilha do Pico emerge no oceano: é notável a altura da montanha, que tem a forma de um cone com o vértice a perder-se pelas nuvens, escreveu Catherine, que adianta ainda a visão ao longe das ilhas do Faial e de S. Jorge, formando como «que uma constelação de ilhas muito próximas umas das outras»¹⁹.

As ilhas mais profundamente visitadas e conhecidas pelas quatro escritoras são o Faial e S. Miguel²⁰. Como não podia deixar de ser, a chegada a estas duas ilhas são sempre descritas. As duas Hickling dão maior ênfase às

16 Alice Baker, *Ob. cit.*:142 e 143. O sublinhado é da autora deste artigo.

17 Elise Nye, *ob. Cit* :18.

18 Alice Baker, *Ob. cit.*

19 Catherine Hickling, *ob cit.* :92.

20 Elisa Nye e Alice Baker como estiveram mais dias no Faial, irão algumas vezes ao Pico, mas como estes relatos levaria a aumentar o texto, resolvemos não incluir neste trabalho as suas impressões.

peessoas que as esperavam, a família Dabney no Faial e Thomas Hickling em Ponta Delgada²¹.

Segundo Alice Baker, uma descrição geral pode apropriar-se a todas as ilhas, pois: «vistas por mar, todas têm idêntico contorno- longa crista de montes (ou montanhas) cónicos, cada qual com uma depressão no cimo, com aldeias largamente tresmalhadas nas encostas. (...) A cidade da Horta, com suas pequenas casas de um andar, muros caiados de branco e telhados de telhas vermelhas, relembra as aldeias suíças de brinquedos da nossa infância»²².

Para Ida Pfeifeer, S. Miguel é descrito da seguinte maneira: «A ilha de S. Miguel é muito bonita, semeada aqui e ali, numa desordem encantadora, de colinas e montanhas cobertas de fresca verdura. Á primeira vista reconhece-se que a ilha é de origem vulcânica: prova-o a configuração das montanhas, a cor das costas, formadas de extractos de cinzas e lavas (...). Deve crer que os vulcões estejam extintos há muito tempo, porque a lava endureceu de tal modo por uma camada de terra suficientemente espessa, para que se crie laranjais, e os mais belos trigos do mundo»²³.

Nestas primeiras descrições, já se enunciam dois aspectos constantes dos relatos da altura: a caracterização da economia que, neste século XIX, se baseava essencialmente na produção e exportação de citrinos, povoando-se as ilhas de belas quintas, e na produção e exportação, para o reino, de trigo, embora, o milho nesta altura já fosse o cereal mais produzido e exportado pelos açorianos, aliás como bem refere a mesma autora um pouco mais à frente, quando escreve que depois da fruta o artigo mais importante é o milho.

As quintas de citrinos são também referidas com admiração por Elisa Nye que, visitando as propriedades de seus vários parentes na ilha de S. Miguel, as descreve como sítios aprazíveis, cuidadosamente tratados e com bom gosto: «As laranjeiras começam agora a produzir, pelo que são colocadas nas caixas. (...). Dei um passeio encantador e fui ver encaixotar laranjas, serviço executado rapidamente e na perfeição»²⁴. Atendendo a que Alice Baker visita os Açores no fim de oitocentos, altura em que da época da laranja só restavam os mais resistentes pomares e os belos palácios/casas construídas sob a influência da arquitectura inglesa, apesar de falar nestes citrinos:

21 Catherine, *Ob. cit.*: 92.

22 Alice Baker, *Ob. cit.*: 147,148.

23 Ida Pfeifeer, *Ob. cit.*: 219.

24 Elisa Nye, *Ob. cit.*: 80.

«a laranja em S. Miguel é a melhor do mundo», já refere as visitas às estufas de ananases e a chegada de dois chineses, que tinham sido contratados pela Sociedade Promotora da Agricultura Micaelense, para ensinarem a manipulação da folha do chá, produto e conseqüente indústria que davam os seus primeiros passos neste final de século.

O outro aspecto prende-se com o facto de todas as descrições realçarem o vulcanismo, a sua marca de origem, capaz de inspirar os mais diversos sentimentos, onde se misturam o deslumbramento e o medo, à vista das magníficas caldeiras ferventes e de emanações de vapor, vindos das profundezas da terra. Vejamos, pois, o que nos dizem sobre estas manifestações as nossas viajantes. Elisa Ney descreve a ida à Caldeira no Faial: «a montanha mais alta da ilha, com uma cratera ao centro(...)»²⁵. Alice Baker, com o propósito de tudo contar para uma maior divulgação dos Açores, é mais incisiva: «Ninguém deve de deixar ver a Cratera. Chega-se lá por uma subida gradual de nove milhas a partir da Horta, ascensão que se faz facilmente de burros ou de machila, amarada em cada extremidade a uma longa vara de bambu, é assim levada aos ombros de dois homens.(...) Lá muito para o alto, a três mil trezentos e trinta e cinco pés acima do nível do mare, está a cumeada da Caldeira. Achava-se então livre de nuvens, formando um espectáculo deslumbrante – um abismo circular, de vertentes escarpadas, cobertas de urze e faia. Lá em baixo, a mil e oitocentos pés de fundura, está uma arena, contendo um monte com sua cratera e um grande charco»²⁶.

Em S. Miguel, apesar da visita às Sete Cidades ser obrigatória e as suas duas lagoas – verde e azul – descritas com encantamento, o que mais atrai os estrangeiros é o Vale e a Lagoa das Furnas, na ilha de S. Miguel, com as suas Caldeiras, «geysers» em ebulição.

À primeira vista sobre as Furnas, Baker escreve: «Estupendo panorama se apresenta na nossa frente. A centenas de pés abaixo, o vale da Furnas, escancarado e fumegante, parecia um abismo sem fundo. (...) O vapor dos geysers ou caldeiras, iluminadas pelos últimos raios solares do sol poente flamejavam ao sair das profundezas». Já perto das caldeiras, descreve o ar carregado de hidrogénio sulfúreo, envolvendo os rostos em todas as direcções: «a Boca do inferno é um poço de aspecto feio. Os demónios encarcerados fazem ali uma bulha ensurdecadora. É como o roncar e o ribombar de

25 Ibidem.

26 Alice Baker, *Ob. Cit.*: 167-169.

um trovão distante. E a própria lama semi-líquida, escura é projectada para o exterior como por uma bomba»²⁷. Na mesma linha, vem o testemunho de Ida Pfeifeer: «confesso que a minha curiosidade (fontes termais) e a minha esperança não era muito grande: visto que tinha visto na Islandia tudo o que o mundo oferece de mais notável neste género. Como não esperava grande coisa fiquei realmente espantada. Uma das fontes ferventes, repuxa com muita força e abundância a uma altura de metro e meio a dois metros. A mais notável, de todas é a fonte barrenta, chamada Pero Botelho. Limitada por sombrios rochedos, pelos quais a bulha que faz o referver da fonte repercute com estrondo, parece um verdadeiro golfão infernal»²⁸.

Por sua vez, as meninas Hickling não se preocupam com tais proezas da natureza. Para elas, as Caldeiras e suas fontes de água sulfúrea e férrea são importantes para os seus deliciosos banhos. Aqui a sensação é essencialmente de deleite. As termas foram, sem dúvida, nos Açores, um dos principais atractivos para o turista, que para além de querer desfrutar de um simples banho reconfortante, também o buscava como terapia para vários males.

O vale das Furnas, a partir da segunda metade do século XVIII, passou a ser o local de veraneio preferido pela elite da sociedade micaelense. Thomas Hickling foi um dos seus primeiros impulsionadores, quando aí construiu uma casa, a sua «Yankee Hall». Da descrição da casa, apontamos as reações das suas parentes: «chegamos à casa, subindo uma escadaria de muitos degraus, entrámos num grande hall que conduz aos quartos. (...) Na frente tem um grande tanque com uma pequena ilha ao centro, ligada por uma ponte à terra. No meio das ilhas existe um chorão. O tanque é rodeado por uma corrente branca. Tudo isto forma um dos mais belos conjuntos»²⁹. Elisa conta-nos a sua ida às Furnas desta maneira: «No dia 3 de Setembro, montados em burros, iniciámos a nossa viagem para as Furnas. A estrada serpeava em volta das montanhas, sendo os panoramas quase por toda a parte majestosos. Passámos por várias vivendas do campo, muito belas, entre outras uma que pertencera ao avô Hickling. (...) Chegamos por fim ao Tanque, que nos pareceu lindo à medida que nos aproximávamos. (...) A propriedade foi projetada pelo avô cerca de 1770, contendo todas as árvores e arbustos americanos que conseguiu obter»³⁰.

27 Alice Baker, *Ob. cit.*

28 Ida Pfeifeer, *Ob. cit.*: 230.

29 Catherine, *Ob. cit.*: 99.

30 Elisa, *Ob. cit.*: 32.

A casa do tanque, com os terrenos adjacentes, passou a ser ponto de encontro da alta sociedade micalense que ali passava as férias.³¹ Passeios à tarde, em terra e num pequeno barco no tanque, eram as diversões quotidianas de seus visitantes. Se se ia à tarde para o “Tanque”, a manhã iniciava-se com um banho termal que ficava não muito longe da casa. Elisa Nye conta-nos a sua primeira experiência: «Há vários balneários, alguns para banhos sulfúreos, outros para banhos férreos, existindo também uma fonte de água férrea, mais propriamente chamada água azeda, que os doentes ou outras pessoas gostam de tomar antes do almoço, para lhes dar apetite. (...) Tomei um banho sulfuro na minha primeira manhã e achei a água tão macia e agradável que não me atrevia a sair»³².

A Lagoa e o Vale das Furnas são talvez os lugares, em S. Miguel, que mais inspirações dão aos estrangeiros do século XIX que visitaram a Ilha³³. Nos quatro textos que temos vindo a analisar, ambos são alvo de várias referências, por isso não resistimos a transcrever mais alguns excertos. Para Ida Pfeiffer: «As Furnas estão situadas num vale risonho e delicioso, rodeado de montanhas que se levantam umas sobre as outras: bosques sombrios, campos magníficos, prados e campinas, cobertos da mais fresca verdura vestem as montanhas, as colinas e os vales. Via-me transportadas a um desses belos, em que abundam a Styria, a Carinthia e o Tyrol. Nuvens de fumo, que sobem aos ares, anunciam as fontes termais»³⁴. Sobre a Lagoa escreve Alice Baker: «Deixando a estrada principal entrámos em estreito atalho de burros, seguindo a margem da Lagoa até ao prédio da Grená (...) Aqui e além a superfície da água, ao longo da margem, borbulhava com branda agitação. Fumos de enxofre enchiam o ar»³⁵ (...) A paisagem é encantadora, com a lagoa tranquila a reflectir: Isto parece o Tirol, parece o InterlaKen... Não se parece com nada só se parece consigo mesmo porque não tem rival»³⁶.

Apesar das manifestações vulcânicas serem aquelas que mais registos merecem, todas as outras paisagens são minuciosamente descritas e sempre

31 Sobre a sociedade micalense de oitocentos ver: Susana Serpa Silva, «Aspectos da vida social e cultural micalense na segunda metade do século XIX» *Revista Arquipélago*, História, 2.ª série, Ponta Delgada, Universidade dos Açores (2000) vol. IV: 299 a 354.

32 Elisa Nye, *Ob. cit.*: 33 e 34.

33 Não cabe neste trabalho a análise de outros textos que descrevem os Açores e em particular S. Miguel, mas, para uma pequena amostra consultar; Ricardo Madruga da Costa, *Ob. cit.*: 22 e 23.

34 Ida Pfeiffer, *Ob. cit.*: 230.

35 Alice Baker, *Ob. cit.*: 111 e 112.

36 *Idem*: 110,111.

com admiração, tanto no Faial como em S. Miguel: o Capelo no Faial, o Ilhéu de Vila Franca em S. Miguel, algumas praias onde se vão banhar. A acompanhar todas estas descrições, lá estão os burros, que como Alice Baker refere «são o principal meio de transporte nos Açores (...) o melhor e o mais barato». Todavia, nem sempre os pareceres são os melhores: «O cocheiro /burriqueiro português é um verdadeiro “cochon” em inteligência e teimosia»³⁷.

Lindas descrições são feitas pelas duas Hickling sobre os jardins de Ponta Delgada e arredores, com as suas plantas exóticas, vindas de todo o mundo, como o Jardim do Botelho, sito ao Livramento, do Tanque das Laranjeiras, em Ponta Delgada, nas Furnas o das Murtas e do Parque do Tanque. No Faial, não foram esquecidos os belos jardins das casas da Família Dabney, assim como o do relógio, jardim público, onde muitos faialenses iam passear.

Mas a narrativa não se fica pelas belezas naturais, também as cidades e vilas principais são descritas não só do ponto de vista arquitectónico: casas de um e de dois pisos, telhadas ou cobertas de colmo, dispersas pelos campos ou reunidas à volta da rua principal da cidade e vilas, as igrejas e conventos que sempre impressionam o forasteiro pela sua magnificência, mas também do ponto de vida dos hábitos e costumes de vida.

Os estrangeiros têm um especial interesse em descrever a vida quotidiana, os hábitos e os costumes dos habitantes das Ilhas. É neste contexto que mais claramente se reflectem as diferenças civilizacionais entre o visitado e o visitante, pois este, habituado a um nível de vida e cultura completamente diferentes, seja nos Estados Unidos, seja na Europa, tem mais dificuldade em perceber os hábitos insulares. Um destes costumes criticados por todos e todas, mas em particular pelas mulheres, é o das açorianas não poderem sair à rua sozinhas. Catherine desabafa: «Está ao meu serviço uma rapariga que veio das Furnas. Na América não seria preciso, mas aqui sempre me vai tratando das roupas e acompanha-me quando saio, como obriga o louco costume desta terra (...) Quando saímos [na quaresma] usamos véu preto e a patroa distingue-se dos criadas colocando um laço preto na frente do véu»³⁸. Elisa Nye escreve a este respeito: «Não gosto de ir sozinha muito cedo [aos banhos], pois os portugueses se mostram muitas vezes impertinentes com uma senhora que não vá na companhia de um cavalheiro, por isso nunca dou um passeio que não seja acompanhada»³⁹.

37 Idem, *Ob. cit.*: 157,158.

38 Catherine Hickling, *Ob.Cit.*: 116.

39 Elise Nye, *Ob. cit.*: 42.

O costume das mulheres se sentarem no chão (seja nas varandas para verem os que passavam, seja numa sala a conversar) é, também, motivo de espanto. Em todas, o vestuário é descrito com algum cuidado, particularmente aquele que é usado pelo povo. Todavia, o que maior estranheza provocava era o uso do capote e capelo: «Com o que as mulheres cobrem a cabeça ainda é mais grotesco do que o do homem: é um capelo de pano azul de perto de 10 polegadas ao qual dão por meio de uma forte bárbara, a feição pouco mais ou menos de uma gigantesca crista de galo. Independentemente deste engenhoso capelo, trazem por cima dos vestidos europeus um longo e pesado capote (...) traje extravagante e ridículo»⁴⁰.

O trabalho feminino também é sublinhado, considerando-se, na maioria das vezes, que as mulheres eram trabalhadoras. De todas as atividades feitas pela mulher, a que mais impressiona é a lavagem das roupas sobre pedras junto aos tanques ou mesmo nas ribeiras e no mar, contrastando com a imundície das crianças.

Nos passeios quotidianos, as visitas às freiras dos conventos, onde a convivência entre os laicos e as religiosas era normal e onde se servia chá, bolos e brandy são outros costumes que fazem confusão, especialmente a Catherine e Elisa Nye. As Festas do Espírito Santo, funerais, procissões, bailes e “balhos” e mesmo o “entrude”, em S. Miguel, são devidamente anotados.

A hospitalidade ressalta como um traço comum e a relação visitante / visitado torna-se de certa maneira profunda. As compras de artesanato local (objectos de vimes, bordados), para mais tarde recordar, também são assinaladas.

Aos olhos da historiadora e autora do presente ensaio, e apesar de não ser especialista em turismo, os relatos, no feminino, das viagens aos Açores realizadas no século XIX mostram o embrião do turismo açoriano.

A palavra “Tourist” entra no vocabulário corrente nos começos do século XIX. O Larousse deste mesmo século define “tourist como aquele que viaja por curiosidade ou ociosidade”, encontrando-se o cunho literário definitivo desta realidade na obra de Stendhal, publicada em 1838, «Memoires d'un tourist».

O tema rapidamente invade o espaço da opinião pública, merecendo num dos números do «Figaro», de 1854, um interessante relato do articulista

40 Idem.

Villemot, sobre o fenómeno do esvaziamento da cidade de Paris, na época de veraneio, onde se enfatiza «que os cidadãos se tornam turistas», sem esquecer a fundação, em 1877, da «Gazette des Touristes et des étrangers», espécie de roteiro turístico sobre as estações balneares, sejam termas sejam marítimas⁴¹.

Os relatos, no feminino, das viagens aos Açores realizadas no século XIX, enquadram-se neste contexto civilizacional, onde as nossas escritoras foram, também, viajantes por ociosidade e curiosidade. Curiosamente passados dois séculos, os trilhos e os destinos do turismo açoriano continuam a privilegiar os mesmos lugares e a causar o mesmo deslumbramento e encanto relevados por Catherine Hickling, Elisa Nye, Ida Pfeiffer e Charlotte Alice Baker. Somos de opinião pois, que estes relatos podem-se enquadrar no registo histórico de um embrionário turismo cultural nos Açores.

41 Anne Martin Fugier, «Os ritos da vida privada burguesa», Philipr Ariés et George Duby (coords), *História da Vida Privada*, Edições Afrontamento (1990) vol. IV, 231-232.

